|  |
| --- |
|  ***Curso Preparandos – Material Complementar*** ***ENEM – Filosofia/Sociologia***  |

**Sociologia - Marx e o trabalho.**

Filosofia de caráter revolucionárioDiferente da grande maioria dos filósofos que o precederam, Marx não acreditava que o principal
objetivo da filosofia era explicar a realidade, mas sim transformá-la. Por isso seu pensamento é chamado de
filosofia da práxis (“práxis”, em grego, significa “ação”). Um dos grandes teóricos do socialismo científico, Marx acreditava que o objetivo supremo da autêntica filosofia é fornecer os conhecimentos necessários para
a realização da revolução social. “Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de maneiras diferentes. O que importa, porém, é transformá-lo” (11ª Tese contra Feuerbach).

Materialismo históricoTese central de toda a filosofia marxista, o materialismo histórico consiste na afirmação de que todos
os elementos da vida de uma sociedade se reduzem, em última análise, às suas condições materiais. Em
outras palavras, para Marx, toda sociedade humana se explica, no fim das contas, por sua estrutura
econômica, pelo modo como é organizado seu sistema produtivo. Assim, todos os fenômenos sociais de uma
dada civilização, como a arte, a política, a religião, a cultura, a medicina, o direito, o vestuário, etc., seriam tão
somente reflexos, diretos ou indiretos, do modo de produção vigente em tal sociedade. Sendo o trabalho a
atividade mais fundamental do homem, já que ligada à sua própria sobrevivência, também a economia, que é
a organização do trabalho em sociedade, seria a atividade mais básica do corpo social. Não à toa, Marx é
tachado como um pensador economicista
“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode
resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias
e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de
desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a
estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à
qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material
condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que
determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (Prefácio para
a Crítica da Economia Política).

Luta de classesConvencido de que o elemento central para a explicação da sociedade é a economia, Marx se dispôs a
passar um bom tempo estudando sistemas econômicos. Sua conclusão foi de que, ao longo da história, o
trabalho e os frutos do trabalho nunca foram divididos de modo igualitário. Em outras palavras, desde a pré-história, todas as sociedades humanas sempre se estruturaram em termos de grupos econômicos diversos, de classes sociais distintas. Assim, aos membros das classes superiores sempre coube o bônus; às classes
inferiores, o ônus; aos primeiros, o domínio; aos segundos, o serviço; a uns, o poder; a outros, a submissão.

“A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das lutas de classes. Homem livre
e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, o opressor
e o oprimido permaneceram em constante oposição um ao outro, levada a efeito numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou, cada vez, ou pela reconstituição revolucionária de toda a sociedade
ou pela destruição das classes em conflito. Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em
praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla
das condições sociais. Na Roma Antiga, temos os patrícios, os guerreiros, os plebeus, os escravos; na Idade
Média, os senhores, os vassalos, os mestres, os companheiros, os aprendizes, os servos; e, em quase todas
essas classes, outras camadas subordinadas. A sociedade moderna burguesa, surgida das ruínas da
sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Apenas estabeleceu novas classes, novas
condições de opressão, novas formas de luta em lugar das velhas. No entanto, a nossa época, a época da
burguesia, possui uma característica: simplificou os antagonismos de classes. A sociedade global divide-se
cada vez mais em dois campos hostis, em duas grandes classes que se defrontam – a burguesia e o
proletariado” (Manifesto do Partido Comunista). Como se sabe, para Marx, o elemento que propicia as transformações sociais, o motor da história é
a luta de classes. No sistema econômico em que vivemos, no chamado capitalismo, tal luta se dá entre duas
classes sociais opostas: a burguesia e o proletariado. De modo simples, podemos dizer que a grande
diferença entre essas duas classes sociais é que, enquanto a burguesia possui os meios de produção (ou
seja, todos os elementos não-humanos que são necessários para a produção, tais como o espaço físico, o
fornecimento de energia elétrica, os materiais de trabalho, etc.), por sua vez, o proletariado possui unicamente
sua força de trabalho, isto é, sua capacidade de exercer atividades produtivas, sejam mentais ou físicas. No
capitalismo, o que há é uma relação de troca entre essas duas classes. Os trabalhadores, os proletários, precisando sobreviver, vendem aos burgueses uma parte da sua força de trabalho, em troca de uma quantia
em dinheiro, denominada salário. Por seu turno, ao pagar salários, os empresários, os burgueses põem suas
empresas em funcionamento, de onde obtém rendimentos para si. o pensamento: “conhece-te a ti mesmo”.

Trabalho e Mais-valia

Do ponto de vista de Marx, o modelo de trabalho assalariado é injusto e promove uma exploração, pois, segundo ele, na prática, quem realiza todo o trabalho são os proletários, quem produziu a riqueza foram os
trabalhadores, mas eles nunca ficam com todo o lucro. Dentre a quantia de riqueza que uma empresa lucra, o burguês sempre tira uma quota de dinheiro para si. Esse valor a mais que o burguês toma do lucro é
chamado por Marx de mais-valia. Do ponto de vista marxista, a mais-valia é sempre um roubo, pois o burguês
está tomando algo que pertence aos trabalhadores. Vemos assim que as classes sociais no capitalismo são
interdependentes, uma não vive sem a outra, mas ambas ocupam posições diferentes. Uma é exploradora, outra a explorada, uma é opressora e a outra oprimida.

ReificaçãoExplorado e roubado, para Marx, o operário sofre no capitalismo um processo de reificação (“coisificação”). Seu salário, aquilo com que irá sustentar a si e aos seus, passa a ser definido simplesmente
pela lei da oferta e da procura, tal como se ele mesmo fosse um produto qualquer. No mesmo sentido, o
proletário vivencia no capitalismo uma experiência que Marx chama de alienação. Tal experiência consiste no
fato de que o trabalhador perde qualquer identificação com seu próprio trabalho, passando a ver no trabalho não a grande atividade de que o homem é capaz e que o torno superior aos animais, mas apenas um meio de
subsistência, do qual se tira um salário no fim do mês. Como, para Marx, o trabalho é a atividade humana
mais importante, ao alienar-se do trabalho, o homem acaba por alienar-se de si mesmo.

Alienação“O que constitui a alienação do trabalho? Primeiramente, ser o trabalho externo ao trabalhador, não
fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter
um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e
físicas mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à
vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é trabalho forçado. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para
satisfazer outras necessidades. Seu caráter alienado é claramente atestado pelo fato, de logo que não haja
compulsão física ou outra qualquer, ser evitado como uma praga. O trabalho exteriorizado, trabalho em que
o homem se aliena a si mesmo, é um trabalho de sacrifício próprio, de mortificação. Por fim, o caráter
exteriorizado do trabalho para o trabalhador é demonstrado por não ser o trabalho dele mesmo, mas trabalho
para outro, pois no trabalho ele não se pertencer a si mesmo mas sim a outra pessoa.” (Manuscritos
econômico-filosóficos).

SocialismoO único meio de solução das contradições do capitalismo seria, de acordo com Marx, através de uma
revolução proletária que, destruindo o sistema econômico vigente, extinguisse com a propriedade privada dos
meios de produção e fizesse das empresas uma propriedade comum, de onde todos seriam operários, mas
de onde todos também seriam donos.

**Exercícios**

**1.** Observe o trecho da música “Admirável Gado Novo”, de Zé Ramalho, e perceba que sua análise pode
nos levar a discutir o conceito de alienação.
‘’O povo foge da ignorância
Apesar de viver tão perto dela
E sonha com melhores tempos idos
Contemplam essa vida numa cela...
Espera nova possibilidade
De ver este mundo se acabar
A Arca de Noé, o dirigível
Não voam nem se pode flutuar’’
Seguindo o pensamento de Karl Marx, veremos que a alienação se dá em uma situação determinada
que gera toda uma gama de desdobramentos e consequências. Tal situação ocorre na esfera
**a)** religiosa, por meio das concepções escatológicas.
**b)** cientifica, com a ampliação do conhecimento.
**c)** política, por meio da organização partidária.
**d)** cultural, com o avanço da cultura de massa.
**e)** produtiva, a partir das relações de produção.

**2.** O século XIX foi marcado pelo surgimento de correntes de pensamento que contestavam o modelo
capitalista de produção e propunham novas formas de organizar os meios de produção e a distribuição
de bens e riquezas, buscando uma sociedade que se caracterizasse pela igualdade de oportunidades.
No que diz respeito a essas correntes, assinale a afirmação verdadeira.
**a)** O socialismo cristão buscava aplicar os ensinamentos de Cristo sobre amor e respeito ao próximo
aos problemas sociais gerados pela industrialização, mas apesar de vários teóricos importantes
o defenderem, a Igreja o rejeitou através da Encíclica Rerum Novarum, lançada pelo Papa Leão XIII.
**b)** No socialismo utópico, a doutrina defendida por Robert Owen e Charles Fourrier, prevaleciam as
ideias de transformar a realidade por meio da luta de classes, da superação da mais valia e da
revolução socialista.
**c)** O socialismo científico proposto por Karl Marx e Friedrich Engels, através do manifesto Comunista
de 1848, defendia uma interpretação socioeconômica da história dos povos, denominada
materialismo histórico.
**d)** O anarquismo do russo Mikhail Bakunin defendia a formação de cooperativas, mas não negava a
importância e a necessidade do Estado para a eliminação das desigualdades.

**3. TEXTO I**Cidadão
‘’Tá vendo aquele edifício, moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz desconfiado
“Tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?”
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer.’’
**BARBOSA, L. ln: ZÊ RAMALHO. 20 Super Sucessos.Rio de Janeiro: Sony Music, 1999 (fragmento).**

**TEXTO II**O trabalhador fica mais pobre à medida que produz mais riqueza e sua produção cresce em força e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata à medida que cria mais bens. Esse fato simplesmente subentende que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, agora se lhe opõe como um ser estranho, como uma força independente do produtor.
**MARX, K. Manuscritos econômicos-filosóficos(Primeiro manuscrito).São Paulo: Boitempo Editorial, 2004 (adaptado).**Com base nos textos, a relação entre trabalho e modo de produção capitalista é:
**a)** baseada na desvalorização do trabalho especializado e no aumento da demanda social por novos postos de emprego.
**b)** fundada no crescimento proporcional entre o número de trabalhadores e o aumento da produção de bens e serviços.
**c)** estruturada na distribuição equânime de renda e no declínio do capitalismo industrial e tecnocrata.
**d)** instaurada a partir do fortalecimento da luta de classes e da criação da economia solidária.
**e)** derivada do aumento da riqueza e da ampliação da exploração do trabalhador.

**4.** “I. Burgueses e proletários. A história de todas as sociedades até hoje existente é a história das lutas de
classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das classes em conflito”
**MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 40.**Assinale a alternativa CORRETA: para Karl Marx (1818-1883) como se originam as classes sociais?
**a)** As classes sociais se originam da divisão entre governantes e governados.
**b)** As classes sociais se originam da divisão entre os sexos.
**c)** As classes sociais se originam da divisão entre as gerações.
**d)** As classes sociais se originam da divisão do trabalho.
**e)** As classes sociais se originam da divisão das riquezas.

**5.** Algumas pessoas conseguem mais do que outras nas sociedades – mais dinheiro, mais prestígio, mais poder, mais vida, e tudo aquilo que os homens valorizam. Tais desigualdades criam divisões na sociedade – divisões com respeito a idade, sexo, riqueza, poder e outros recursos. Aqueles no topo dessas divisões querem manter sua vantagem e seu privilégio; aqueles no nível inferior querem mais e devem viver em um estado constante de raiva e frustração [...]. Assim, a desigualdade é uma máquina
que produz tensão nas sociedades humanas. É a fonte de energia por trás dos movimentos sociais, protestos, tumultos e revoluções. As sociedades podem, por um período de tempo, abafar essas forças separatistas, mas, se as severas desigualdades persistem, a tensão e o conflito pontuarão e, às vezes, dominarão a vida social.
**TURNER, Jonathan H. Sociologia: Conceitos e aplicações. São Paulo: Pearson, 2000. p. 111. (Adaptado).**A observação da figura e a leitura do texto permitem inferir:
**a)** no plano social, a igualdade humana está explícita em dois setores bem definidos: na Justiça, segundo a qual todos são iguais perante a lei, e na educação, em que todos devem ter oportunidades iguais; essas práticas são vivenciadas pela sociedade brasileira.
**b)** segundo Karl Marx, aqueles que possuem ou controlam os meios de produção têm poder, sendo capazes de manipular os símbolos culturais através da criação de ideologias que justifiquem seu poder e seus privilégios.
**c)** a estratificação de classes existe quando renda, poder e prestígio são dados igualmente aos membros de uma sociedade, gerando, portanto, grupos culturais, comportamentais e organizacionais semelhantes.
**d)** a estratificação, na visão de Karl Marx, mostra que a luta de classes não se polariza entre o ter e o não ter e envolve mais do que a ordem econômica.

**Filosofia - Metafísica de Aristóteles**

Um dos maiores pensadores de todos os tempos, Aristóteles foi, durante a juventude, o mais brilhante discípulo de Platão, pensador com o qual estudou durante o período de vinte anos. Sua filosofia, entretanto, pode ser considerada essencialmente um anti-platonismo. De fato, não obstante manter até sua morte uma profunda admiração pelo mestre, Aristóteles considerava que as bases do pensamento platônico, em especial a Teoria das Ideias, estavam profundamente equivocadas. Daí, aliás, a célebre frase que lhe é atribuída: “Sou amigo de Platão, mas sou mais amigo da verdade”

Como se sabe, para Platão, a realidade está dividida em dois níveis: o mundo das Ideias ou mundo inteligível, onde se encontram as essências imutáveis das coisas; e o mundo sensível, onde se encontram as coisas concretas e materiais, reflexos imperfeitos de suas essências. Em outras palavras, toda a filosofia de Platão repousava sobre a separação entre, de um lado, as coisas, e, de outro, suas essências. Ora, para Aristóteles, tal separação soava absurda, pois contraria o próprio significado da palavra “essência”. De fato, essência é aquilo que faz com que uma coisa seja o que ela é e não outra. Ou seja, a essência de uma coisa é a sua característica primordial, aquilo que a define, aquilo que a faz ser o que ela é e que, portanto, caso ela perca, ela deixará de ser o que é. Pois bem, se as essências fossem separadas das coisas, isto significaria que as características primordiais das coisas não estariam nas próprias coisas, mas fora delas. Isso faz algum sentido? Segundo Aristóteles, não. Daí que o ponto de partida de seu pensamento não é a defesa da separação da realidade em dois níveis, tal como propunha Platão, mas sim a afirmação da unidade inseparável entre essência e coisa. Não há dois mundos, um de essências e outro de coisas. O que há é uma única realidade, onde as coisas e suas essências se encontram juntas. Esta tese central da ontologia aristotélica, conhecida como teoria da substância, é o ponto a partir do qual podemos compreender toda a ontologia aristotélica.

Segundo Aristóteles, toda coisa é uma substância, ou seja, é uma realidade que subsiste em si mesma. Isto, inclusive, é o que diferencia as coisas de suas características. Enquanto a característica subsiste apenas na coisa, a coisa subsiste por si mesma. Por exemplo, Pedro subsiste em si mesmo, mas a sua cor de pele só subsiste através dele e não em si mesma. Toda a filosofia de Aristóteles parte da análise que ele faz dos elementos que constituem as substâncias.

Dentre as características que compõem uma substância, podemos distinguir dois tipos: a essência (ou forma) e os acidentes. A essência de uma coisa, como vimos, é a sua característica primordial, aquilo que a define, que a faz ser o que é. Por sua vez, os acidentes são todas as características de uma coisa que não lhe são essenciais, ou seja, são as características secundárias, aquelas que a substância pode perder ou ganhar sem deixar de ser o que é. Assim, por exemplo, na substância João, que é um ser humano, a essência é racionalidade e os acidentes são todas as demais características de João, tais como sua altura, corte de cabelo, cor de pele, etc.

Depois de analisar as partes componentes da substância, Aristóteles procura compreender como elas se transformam. Aristóteles define a mudança como uma passagem da potência ao ato. No linguajar aristotélico, potência é uma possibilidade de ser que a substância tem, mas que ela não está realizando em dado momento. Por outro lado, ato é aquilo que a substância realmente é em dado momento. Por exemplo, quando Maria vai de casa para o colégio, ela realizou uma mudança, pois modificou o lugar onde estava presente. Tal mudança se deu quando aquilo que era mera potência, possibilidade (estar no colégio) se tornou ato, realidade. O ser em potência é aquele que é apenas enquanto possibilidade; o ser em ato é aquele que é como realidade, efetivamente. Mudar é transferir algo do domínio do possível para o domínio do real. Com sua teoria do ato e potência, Aristóteles procurou explicar que mudar não é simplesmente se tornar algo diferente do que se é (tal como pensavam os pré-socráticos). Mais que isso, mudar é se tornar algo diferente do que se é, mas que é possível, que é compatível com a própria natureza.

Por fim, para explicar como se dá a mudança das substâncias e como ela subsistem, é preciso saber quais são os elementos que fazem com que algo passe de potência a ato. Os princípios responsáveis pela existência das substâncias e que realizam suas mudanças são chamados por Aristóteles de causas. Segundo o filósofo, há ao todo quatro causas:

• Causa formal: é a característica primordial da substância, a sua forma. Por exemplo, no caso de uma cadeira, a causa formal é a essência da cadeira.

• Causa material: é a matéria da substância, aquilo que de que ela é feita. No caso da cadeira, por exemplo, é a madeira.

• Causa eficiente: é aquilo que produz a substância, que a põe no ser, que a faz existir. No caso do exemplo da cadeira, é o carpinteiro.

• Causa final: é a finalidade da substância, aquilo para que ela foi feita, o seu propósito. No caso da cadeira, a causa final é servir como assento.

De modo didático, podemos dizer que as quatro causas respondem a quatro perguntas: O que é? De que foi feito? Quem fez? Para que serve?

**Exercícios**

**6**. "Todos os homens, por natureza, desejam conhecer. Sinal disso é o prazer que nos proporcionam os nossos sentidos; pois, ainda que não levemos em conta a sua utilidade, são estimados por si mesmos; e, acima de todos os outros, o sentido da visão". Mais adiante, Aristóteles afirma: "Por outro lado, não identificamos nenhum dos sentidos com a Sabedoria, se bem que eles nos proporcionem o conhecimento mais fidedigno do particular. Não nos dizem, contudo, o porquê de coisa alguma". Fonte:

ARISTÓTELES, Metafísica. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 36 e 38.

Com base nos textos acima e nos conhecimentos sobre a metafísica de Aristóteles, considere as afirmativas a seguir.

I. Para Aristóteles, o desejo de conhecer é inato ao homem.

II. O desejo de adquirir sabedoria em sentido pleno representa a busca do conhecimento em mais alto grau.

III. O grau mais alto de conhecimento manifesta-se no prazer que sentimos em utilizar nossos sentidos.

IV. Para Aristóteles, a sabedoria é a ciência das causas particulares que produzem os eventos.

A alternativa que contém todas as afirmativas corretas é:

a) I e II

b) II e IV

c) I, II e III

d) I, III e IV

e) II, III e IV

**7**. Aristóteles rejeitou a dicotomia estabelecida por Platão entre mundo sensível e mundo inteligível. No entanto, acabou fundindo os dois conceitos em um só. Esse conceito é:

a) a forma, aquilo que faz com que algo seja o que é. É o princípio de inteligibilidade das coisas.

b) a matéria, enquanto princípio indeterminado de que o mundo físico é composto, e aquilo de que algo é feito.

c) a substância, enquanto aquilo que é em si mesmo e enquanto é suporte dos atributos.

d) o Ato Puro ou Primeiro Motor Imóvel, causa incausada e causa primeira e necessária de todas as coisas.

**8**. “A substância, no sentido o mais fundamental, primeiro e principal do termo, é o que não se afirma de um sujeito, nem ocorre num sujeito; por exemplo, o homem individual ou o cavalo individual.”

ARISTÓTELES. Categorias, V.2 a, p. 11-14.

André é um homem branco, tem dois metros de altura, e hoje se encontra sentado na esquina, lendo um romance que o emociona a cada página. Considerando os textos acima, é correto afirmar que:

a) o conceito aristotélico de substância expressa uma crítica ao abstracionismo da ideia platônica e, segundo Aristóteles, podemos afirmar que o essencial na descrição de “André” é o fato de que hoje ele se emocionou na sua leitura.

b) o conceito aristotélico de substância é um outro nome para ideia platônica e, segundo Aristóteles, podemos afirmar que “André” participa da ideia de homem.

c) o conceito aristotélico de substância expressa uma crítica à teoria das ideias de Platão e, segundo Aristóteles, podemos considerar “André” como substância, homem como sua espécie e os outros atributos da sua descrição como acidentais.

d) o conceito aristotélico de substância é uma ideia cuja existência encontramos em um mundo inteligível diferente do sensível e, segundo Aristóteles, podemos considerar “André” como uma ideia e os outros atributos da sua descrição como as imagens que o complementam.

**9**. “Em primeiro lugar, é claro que, com a expressão “ser segundo a potência e o ato”, indicam-se dois modos de ser muito diferentes e, em certo sentido, opostos. Aristóteles, de fato, chama o ser da potência até mesmo de não-ser, no sentido de que, com relação ao ser-em-ato, o ser-em-potência é não-ser-em-ato.”

REALE, Giovanni. História da Filosofia Antiga. Vol. II. Trad. de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994, p. 349.

A partir da leitura do trecho acima e em conformidade com a Teoria do Ato e Potência de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

a) Para Aristóteles, ser-em-ato é o ser em sua capacidade de se transformar em algo diferente dele mesmo, como, por exemplo, o mármore (ser-em-ato) em relação à estátua (ser-em-potência).

b) Segundo Aristóteles, a teoria do ato e potência explica o movimento percebido no mundo sensível. Tudo o que possui matéria possui potencialidade (capacidade de assumir ou receber uma forma diferente de si), que tende a se atualizar (assumindo ou recebendo aquela forma).

c) Para Aristóteles, a bem da verdade, existe apenas o ser-em-ato. Isto ocorre porque o movimento verificado no mundo material é apenas ilusório, e o que existe é sempre imutável e imóvel.

d) Segundo Aristóteles, o ato é próprio do mundo sensível (das coisas materiais) e a potência se encontra tão-somente no mundo inteligível, apreendido apenas com o intelecto.

**10**. Leia o texto a seguir.

“É pois manifesto que a ciência a adquirir é a das causas primeiras (pois dizemos que conhecemos cada coisa somente quando julgamos conhecer a sua primeira causa); ora, causa diz-se em quatro sentidos: no primeiro, entendemos por causa a substância e a essência (o “porquê” reconduz-se pois à noção última, e o primeiro “porquê” é causa e princípio); a segunda causa é a matéria e o sujeito; a terceira é a de onde vem o início do movimento; a quarta causa, que se opõe à precedente, é o “fim para que” e o bem (porque este é, com efeito, o fim de toda a geração e movimento).”

ARISTÓTELES. Metafísica. Trad. De Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984. p.16. (Coleção Os Pensadores.). Adaptado.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que indica, corretamente, a ordem em que Aristóteles apresentou as causas primeiras.

a) Causa final, causa eficiente, causa material e causa formal.

b) Causa formal, causa material, causa final e causa eficiente.

c) Causa formal, causa material, causa eficiente e causa final.

d) Causa material, causa formal, causa eficiente e causa final.

e) Causa material, causa formal, causa final e causa eficiente

**Sociologia - Émile Durkheim: divisão social do trabalho**

Durkheim, tal como Comte, pensava que o homem é fortemente moldado pela sociedade em que ele
vive (expressando-se de maneira técnica, ele diz que a consciência individual é sempre moldada e condiciona
pela consciência coletiva, isto é, pela mentalidade média da sociedade, seu conjunto de valores e ideias
dominantes) e que por isso o interesse do sociólogo deve voltar-se apenas para os padrões sociais. Por essas
e outras raízes, aliás, é que Durkheim é considerado um autor positivista e o mais famoso continuador da
perspectiva comteana. De fato, não obstante criticar vários aspectos secundários do pensamento de Comte
(em especial, a incerteza de suas ideias, a religião da humanidade e o projeto político positivista), Durkheim
assumiu como suas as ideias-chaves do seu predecessor: a necessidade de um conhecimento social capaz
de compreender as características da sociedade moderna, a crença na incapacidade da filosofia de cumprir
esse papel, o projeto de construção de uma ciência da sociedade independente da filosofia, a ideia de que
esta ciência deve tomar como modelo as ciências naturais e a tese de que o trabalho do sociólogo deve focar-se nos padrões sociais.
Do ponto de vista do método, como vimos, Durkheim considerava que o sociólogo deve, tal como o
físico e o químico, buscar por padrões de regularidade, que, no caso dele, seriam os fatos sociais. Além disso, fortemente influenciado pelas ciências naturais - seu modelo de pensamento -, o sociólogo francês afirmava
que as virtudes principais de um pesquisador social são a neutralidade e a objetividade. Na prática, isto
significa que um sociólogo jamais deve permitir que os seus valores pessoais ou a sua visão de mundo
interfiram no seu trabalho. Sua análise deve ser meramente descritiva, nunca avaliativa, concentrada apenas
em compreender a sociedade que está pesquisando, não em julgá-la ou classificá-la.
Tal como Comte e todo os demais grandes nomes da sociologia, Émile Durkheim destacou-se pela
explicação que desenvolveu para a origem da sociedade capitalista moderna. Diferente, porém, de seu
predecessor, que via no surgimento da sociedade moderna a passagem de um estado metafísico, dominado
por explicações filosóficas, para um estado positivo, dominado por explicações científicas, Durkheim via na
passagem das sociedades tradicionais para a Modernidade acima de tudo uma mudança na solidariedade
social, isto é, no mecanismo de coesão e unidade da sociedade.
De acordo com Durkheim, nas sociedades tradicionais, pré-modernas, anteriores ao capitalismo, a
divisão social do trabalho, isto é, a especialização profissional era pequena. Isto ocasionava poucas
diferenças entre os indivíduos e fazia da sociedade algo mais homogêneo. Assim, a coesão social era
realizada e garantida através do compartilhamento de uma mesma visão de mundo, de um mesmo conjunto
de ideias e valores dominantes. Foi o caso, por exemplo, da Idade Média ocidental, onde a fé católica era o
eixo unificador da sociedade, e do Egito Antigo, onde a cosmovisão daquela sociedade é que unia todos os
seus membros. Este modelo de coesão social é chamado por Durkheim de solidariedade mecânica.
Nas sociedades modernas, por sua vez, o capitalismo promoveu uma enorme acentuação na divisão
social do trabalho. Isso exacerbou a especialização profissional e, portanto, a individualidade. Por isso, a
sociedade moderna é heterogênea, contando com grande diversidade de religiões e de visões de mundo no
interior de um mesmo contexto social. Daí também porque, na Modernidade, o que une e congrega a
sociedade não é o fato das pessoas partilharem uma mesma visão de mundo, mas sim o fato de elas serem mais interdependentes no mundo do trabalho. De fato, o aumento da especialização profissional, vigente no
capitalismo, torna as pessoas mais interdependentes, uma vez que elas exercem funções mais específicas e, portanto, são mais difíceis de serem substituídas no mundo do trabalho. A consequência disso é que a
sociedade capitalista não precisa do compartilhamento de uma mesma visão de mundo para que os
indivíduos vivam coesos nela: o que os une são os laços de interdependência econômica. É o que Durkheim
chamava de solidariedade orgânica.

**Exercícios**

**11**. ‘’A sociologia ainda não ultrapassou a era das construções e das sínteses filosóficas. Em vez de assumir a tarefa de lançar luz sobre uma parcela restrita do campo social, ela prefere buscar as brilhantes generalidades em que todas as questões são levantadas sem que nenhuma seja expressamente tratada. Não é com exames sumários e por meio de intuições rápidas que se pode chegar a descobrir as leis de uma realidade tão complexa. Sobretudo, generalizações às vezes tão amplas e tão apressadas não são suscetíveis de nenhum tipo de prova.’’

DURKHEIM, E. O suicídio: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

O texto expressa o esforço de Émile Durkheim em construir uma sociologia com base na

a) vinculação com a filosofia como saber unificado.

b) reunião de percepções intuitivas para demonstração.

c) formulação de hipóteses subjetivas sobre a vida social.

d) adesão aos padrões de investigação típicos das ciências naturais.

e) incorporação de um conhecimento alimentado pelo engajamento político.

**12**. A cidade desempenha papel fundamental no pensamento de Émile Durkheim, tanto por exprimir o desenvolvimento das formas de integração quanto por intensificar a divisão do trabalho social a ela ligada.

Com base nos conhecimentos acerca da divisão de trabalho social nesse autor, assinale a alternativa correta.

a) A crescente divisão do trabalho com o intercâmbio livre de funções no espaço urbano torna obsoleta a presença de instituições.

b) A solidariedade orgânica é compatível com a sociedade de classes, pois a vida social necessita de trabalhos diferenciados.

c) Ao criar seres indiferenciados socialmente, a “homem massa”, as cidades recriam a solidariedade mecânica em detrimento da solidariedade orgânica.

d) O efeito principal da divisão do trabalho é o aumento da desintegração social em razão de trabalhos parcelares e independentes.

e) O equilíbrio e a coesão social produzidos pela crescente divisão do trabalho decorrem das vontades e das consciências individuais.

**13**. Leia o texto a seguir.

‘’Sentir-se muito angustiado com a ideia de perder seu celular ou de ser incapaz de ficar sem ele por mais de um dia é a origem da chamada “nomofobia”, contração de no mobile phobia, doença que afeta principalmente os viciados em redes sociais que não suportam ficar desconectados. Uma parte da população acha que, se não estiver conectada, perde alguma coisa. E se perdemos alguma coisa, ou se não podemos responder imediatamente, desenvolvemos formas de ansiedade ou nervosismo. ’’

Adaptado de: O medo de não ter o celular à disposição cria nova fobia. Disponível em: <exame.abril.com.br/estilo-devida/comportamento/noticias/o-medo-de-nao-ter-o-celular-a-disposicao-cria-nova-fobia>. Acesso em: 9 abr. 2012.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre socialização e instituições sociais, na perspectiva funcionalista de Durkheim, assinale a alternativa correta.

a) A nomofobia reduz a possibilidade de anomia social na medida em que aproxima o contato em tempo real dos indivíduos, fortalecendo a integração com a vida social.

b) As interações sociais via tecnologias digitais são uma forma de solidariedade mecânica, pois os indivíduos uniformizam seus comportamentos.

c) O que faz de uma rede social virtual uma instituição é o fato de exercer um poder coercitivo e ao mesmo tempo desejável sobre os indivíduos.

d) O uso de interações sociais por recursos tecnológicos constitui um elemento moral a ser compreendido como fato social.

e) Para a nomofobia ser considerada um fato social, faz-se necessário que esteja presente em uma diversidade de grupos sociais.

**14**. Os crescentes casos de violência que, recorrentemente, têm ocorrido em nível nacional e internacional, diuturna e diariamente noticiados pela imprensa, convidam a pensar em uma situação de patologia social. No entanto, para Durkheim, o crime, ainda que fato lastimável, é normal, desde que não atinja taxas exageradas. É normal, porque existe em todas as sociedades; para o sociólogo, o crime seria, inclusive, necessário, útil. Sem pretender fazer apologia do crime, compara-o à dor, que não é desejável, mas pertence à fisiologia natural e pode sinalizar a presença de moléstias a serem tratadas.

O crime seria, pois, para Durkheim, socialmente funcional, porque

a) exerce um papel regulador, contribuindo para a evolução do ordenamento jurídico e possível advento de uma nova moral.

b) é fator de edificação e fortalecimento da solidariedade orgânica, que se estabelece nas sociedades complexas.

c) legítima a ampliação do aparelho repressivo e classista do Estado burocrático nas sociedades baseadas no sistema capitalista.

d) contribui para o crescimento de seitas e de religiões, nas quais as pessoas em situação de risco buscam proteção.

**15**. Durkheim caracteriza o suicídio – até então considerado objeto de estudo da epidemiologia, da psicologia e da psiquiatria – como fato social e, por isso, dotado das características da coercitividade, da exterioridade, da generalidade. É tomado, pois, como objeto de estudo sociológico, em virtude do fato de:

a) variar na razão inversa ao grau de integração dos grupos sociais de que faz parte o indivíduo, ou seja, quanto maior o grau de integração ao grupo social, mais elevada é a taxa de mortalidadesuicídio da sociedade.

b) ser possível observar uma certa predisposição social para fornecer determinado número de suicidas, ou seja, uma tendência constante, marcada pela permanência, a despeito de variações circunstanciais.

c) configurar-se como uma morte que resulta direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente de um ato executado pela própria vítima.

d) depender, exclusivamente, do temperamento do suicida, de seu caráter, de seu histórico familiar, de sua biografia, uma vez que não deixa de ser um ato do próprio indivíduo.

**Gabarito:**

1. **E** - A alienação se dá na exclusão do trabalhar do processo produtivo. Ele não decide o que produzir, não conhece todo processo e muitas vezes nem pode consumir o que produz. o trabalhar oferece apenas sua força de trabalho, sendo assim reificado pelo sistema.

2. **C** - Marx pretendia interpretar a história do homem à luz do materialismo histórico, ou seja, tratando a economia como base da história de qualquer sociedade.

3. **E** - Como o trabalhador é alienado do processo produtivo, o aumento de riquezas produzidas não diminui a desigualdade social, o contrário, a produção de riqueza é fruto da exploração do trabalhador. Quanto maior for a riqueza, maior será a exploração.

4. **D** - A divisão social é oriunda da divisão do trabalho. Há duas classes: burguesia (donos dos meios de produção) e proletariado (trabalhadores que vendem sua força de trabalho)

5. **B** - Marx acredita que a desigualdade social é fruto da posse desigual dos meios de produção. Sendo assim, os donos dos meios de produção são capazes de manipular os símbolos culturais por meio da ideologia.

6. **A** - Para Aristóteles, a busca pelo conhecimento é algo que faz parte da própria natureza humana, iniciandose e manifestando-se primeiramente através dos sentidos, que captam as substâncias, realidades particulares. A partir desta captação inicial dos sentidos, degrau primeiro do conhecimento, o homem vai então, mediante o poder de abstração do seu intelecto, obtendo sabedoria, isto é, apreendendo os princípios universais que regem a realidade.

7. **C** - Aristóteles criticou durante a metafísica do seu mestre Platão pois considerava o dualismo da Teoria das Ideias algo inaceitável. De fato, como pode a essência de uma coisa estar separada da própria coisa? Foi então que, superando o dualismo, Aristóteles propôs uma nova metafísica, na qual se compreende que o mundo é constituído pelas substâncias, realidades particulares e autossuficientes, no interior das quais se encontram as respectivas essências.

8. **C** - Segundo Aristóteles, em crítica à teoria das Ideias de Platão, toda coisa (realidade que subsiste por si mesma) é uma substância. Por sua vez, no interior de cada substância, podem-se distinguir dois tipos de características: a essência, característica primordial da substância, que a define (no caso do homem, por exemplo, a racionalidade) e os acidentes, características secundárias, que compõem a substância, mas que ela pode perder ou adquirir sem deixar de ser o que é. No caso da questão, a substância André é da espécie humana pois sua essência é humana. Entretanto, André não deixaria de ser André caso sua pele mudasse de cor ou caso começasse a andar pela rua: essas são características acidentais.

9. **B** - Para Aristóteles, toda mudança é sempre uma passagem da potência (possibilidade de ser, o que não existe, mas que não é contraditório que exista, que pode existir) ao ato (aquilo que existe efetivamente). Em outras palavras, para que algo mude e se torne real, primeiro necessitava ser possível.

10. **C** - A causa formal ou forma é a essência da substância, a característica primordial que a define. A causa material ou matéria é de que a substância é feita, o que a compõe. A causa eficiente é quem ou o que fez, produziu a substância. A causa final é o propósito, objetivo da substância.

11. **D** - Durkheim, assim como os demais sociólogos de sua época, buscava fazer da sociologia uma disciplina científica, isto que seria através desta análise que o homem compreenderia melhor a sociedades e os impactos por ela sofridos. Esse pensamento foi inspirado na visão positivista de Auguste Comte em fazer da disciplina uma ciência.

12. **B** - Para Durkheim, a coesão da sociedade complexa é garantida pelo tipo de solidariedade nela existente: a solidariedade orgânica. Nela, há uma complexa divisão do trabalho, que garante que cada indivíduo ocupe um local importante na vida social.

13. **D** - O texto mostra o caráter coercitivo do uso de equipamentos tecnológicos para a comunicação social. Esse tipo de interação é geral e externa ao indivíduo, por isso é um fato social.

14. **A** - Para Durkheim, o crime pode ser compreendido de forma sociológica como um fato social. Além de trazer mudanças sociais, a sua existência ajuda a remodelar o ordenamento jurídico da sociedade e esclarecer normas sociais.

15. **B** - O suicídio é um fato social porque se apresenta como tal, existindo em diversas sociedades de forma mais ou menos constante.